

Presenças, paisagens e atuações *aymaras* e *quechuas* imigrantes  
na cidade de São Paulo<sup>1</sup>

Cristina de Branco, ISCTE/ UNL/ CRIA, Lisboa, Portugal<sup>2</sup>

**Palavras-chave:**

Migração, nações indígenas andinas, São Paulo

**Resumo:**

Atendendo à complexidade étnica das populações imigrantes em São Paulo, tomamos o enfoque específico sobre a presença de pessoas que expressam identidades variáveis entre as nações republicanas boliviana e peruana e as nações indígenas *aymara* e *quechua*. Não são exclusivamente indivíduos bolivianos e peruanos – tal como a demografia e as políticas públicas seguem enquadrando-os – mas são também, de maneira cumulativa, sincronizada, justaposta, nacionais de duas nações, uma republicana e outra indígena, *aymara* ou *quechua*. Totalizando mais de 7 milhões de pessoas pelo continente sul-americano, as nações *aymara* e *quechua* mantêm-se principalmente no Altiplano andino peruano e boliviano, correspondendo a mais de 70% da população originária tanto no Estado Plurinacional da Bolívia, como na República do Peru. Pela descida migratória a grandes capitais sul-americanas a partir da década de oitenta do século passado, os *aymaras* e *quéchuas* vêm-se firmando através de suas práticas laborais e performáticas, através de sua visibilidade expressiva e sua sonoridade linguística pelas ruas e praças dessas cidades.

Em São Paulo, possivelmente perfazem muitas dezenas de milhares aquelas pessoas que se autodeclaram, em contexto censitário boliviano e peruano, como *aymaras* e *quechuas*. Ainda que imigrantes entre fronteiras republicanas, permanecem sendo,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

<sup>2</sup> Este texto foi escrito a partir do projeto de doutoramento em Antropologia: Políticas e Imagens da Cultura (ISCTE/UNL/CRIA, Lisboa, Portugal), em curso, intitulado “Performando indigeneidades em deslocamento - Reinvenção identitária migrante através da atuação *aymara* e *quechua* em São Paulo e em Buenos Aires”. No âmbito desta investigação a autora conta com a orientação do Prof. Dr. João Leal (NOVA) e da Profa. Dra. Bela Feldman-Bianco (UNICAMP), sendo bolsista da Fundação para a Ciência e Tecnologia (PD/BD/137656/2018) e filiada ao PPGAS - UNICAMP durante o trabalho de campo em São Paulo.

como vários deles pleitam, seres originários da mesma *Pachamama*. Assim, mesmo que o aparato estatístico brasileiro ainda não reconheça a presença desses sujeitos como indígenas, insensível à sua diversidade linguística e étnica, mantendo-as invisíveis diante do Estado e sua estrutura de políticas públicas, eles continuam presentes, circulantes, atuantes em São Paulo, desde suas subjetividades *aymara* e *quechua*. Essa presença se torna mais visível e audível através da atuação de grupos de música e dança autóctones dedicados a difundir expressividades performáticas vindas do *Kollasuyo*, território de convívio maioritário *aymara* e em menor proporção *quechua*, no Altiplano centro-andino, entre o sul boliviano e o sudeste peruano. Das *moseñadas* e *tarkeadas* pelos carnavais da Praça da Kantuta e do Bom Retiro, às *sikuriadas* e *qhantus* tocados e dançados no *Inti Raymi* e no Dia da Bolívia, centenas de *aymaras* e *quechuas* fazem-se notar, escutar e ver através da reelaboração de suas uniões recreativas e da performance pública de um certo repertório musical e dançante indígena andino. Nesta comunicação, lançamos vias de compreensão do contexto *aymara* e *quechua* vivido hoje na cidade de São Paulo através do avanço do trabalho de campo – da observação participante, de entrevistas e da realização audiovisual partilhada – realizadas no âmbito da investigação doutoral sobre práticas culturais *quechuas* e *aymaras* imigrantes em São Paulo e Buenos Aires.



Fotograma 1 Don Severo Condori, fundador do *Conjunto Autóctono Jach'a Sikuri de Italaque – Nuevo Amanecer*, Memorial da América Latina (Cristina de Branco, fotograma digital, São Paulo, 2015)

### **Introdução<sup>3</sup>:**

À semelhança de outras cidades sul-americanas, São Paulo é simultaneamente cidade indígena e cidade migrante. Erguida num planalto já habitado e transitado, a cidade

---

<sup>3</sup> Ao iniciar a comunicação, partilhamos parte do vídeo que poderá ser visto integralmente através do link: <https://youtu.be/LfDfcPtHNzk> (último acesso: 26 de outubro de 2020). Por isso, no decorrer deste texto, partilharemos fotogramas desse mesmo registro audiovisual.

de São Paulo é constituída como tal pela vinda impositiva e violenta de pessoas portuguesas, suas instituições e estruturas de poder colonial, mas também pela migração forçada de dezenas de milhares de pessoas indígenas de diferentes etnias, do interior do continente, muitas trazidas para encorpar o empreendimento jesuíta e muitas mais escravizadas para a construção da hoje megalópole paulistana (Monteiro 1994). Os deslocamentos que já configuravam as dinâmicas territoriais indígenas antes da presença comercial e imperialista portuguesa, se intensificam e complexificam tanto quanto cresce o insaciável e trágico projeto colonial. São Paulo de Piratininga é território histórica e presentemente indígena e migrante.

Tal como no século XVI e XVII, tempos em que São Paulo foi erguida pela subordinação de milhares de pessoas sequestradas de muito longe, de meses de distância a pé ou a cavalo, a cidade de hoje não é apenas vivida por pessoas indígenas nascidas aqui, nas proximidades imediatas ou no que hoje designamos República Federativa do Brasil. As paisagens paulistanas são também criadas e transformadas pela presença e atuação de pessoas indígenas nascidas fora do Brasil, por *aymaras*, *quechuas*, *kichwas*, *mapuches*, entre outros, vindos de outros países, da Bolívia, do Peru, do Equador, do Chile. Entre eles, são aqueles vindos da Bolívia os mais numerosos, em sua grande maioria migrantes desde a região ocidental altiplânica boliviana, grandemente povoada pelas nações *aymara* e *quechua*. Embora invisíveis (e invisibilizadas) no panorama estatístico geral e nas políticas públicas municipais – ambos ainda desatentos à diversidade étnica das populações imigrantes – essas pessoas existem publicamente como *aymaras* e *quechuas* em sua fala sonorizada, em seus festejos comunitários e em suas atuações performáticas pelas ruas e praças de São Paulo. Focando-nos, por ora, nos imigrantes indígenas altiplânicos, isto é, nos *aymaras* e *quechuas* vindos do Altiplano boliviano e peruano (e não nos *kichwas otavaleños* equatorianos, nem nos *mapuches* imigrados desde as Repúblicas da Argentina e do Chile), nos estenderemos sobre seus espaços e tempos de atuação na cidade de São Paulo, bem como sobre a descrição dos seus grupos de música e dança.

Antes de mais, importa assinalar que consideramos em simultâneo as pessoas *aymaras* e *quechuas*, primeiramente, por partilharem o mesmo território geográfico altiplânico e uma concepção cosmogónica coincidente sobre seu território ancestral, o *Kollasuyo*. Como uma das quatro partes do *Tawantinsuyo*, território pré-colonial nomeado e expandido pela sociedade incaica, o *Kollasuyo* corresponde hoje a zona do

Altiplano ocidental boliviano, sul peruano e norte argentino e chileno. Em segundo lugar, reparamos que, em toda a sua diversidade regional e étnica, ambos partilham também termos linguísticos, práticas musicais, dançantes e rituais, configurando, em São Paulo, os mesmos grupos de expressões autóctones, sobre os quais abordaremos mais adiante. No decorrer da investigação etnográfica, notamos que prevalecem discursos de proximidade e irmandade, mais do que de diferenciação entre *aymaras* e *quéchuas*, e que, finalmente, são muito mais fortes os discursos de diferença regional geográfico-cultural do que aquela estritamente étnica.



Fotograma 2 Conjunto Autóctono Jach'a Sikuri de Italaque – Nuevo Amanecer, Memorial da América Latina (Cristina de Branco, fotograma digital, São Paulo, 2015)

### **Presenças:**

Hoje em dia, somando mais de 100 mil imigrantes, as pessoas nascidas na Bolívia correspondem já a maior população imigrante da capital paulista (OBMigra/NEPO-UNICAMP, 2020)<sup>4</sup>. Sendo o país da região sul-americana com maior proporção de população indígena por autodeclaração censitária, em 2012, a Bolívia contava com mais de 41% da população autodeclarada indígena, dos quais mais de 70% se autodeclararam *aymaras* e *quechuas* (INE 2012), na sua maioria residentes dos departamentos andinos do país. Conforme a colocação de alguns investigadores, como Sidney Silva (2008) e Iara Rolnik Xavier (2010, 2012), grande parte dessa população vêm das zonas andinas urbanas do ocidente boliviano. Silva afirma que em relação “à origem destes imigrantes, entre os

---

<sup>4</sup> As notas metodológicas da base de dados disponibilizada pelo Observatório das Migrações em São Paulo – OBMigra (NEPO/UNICAMP) alertam: “Embora não sejam capazes de estimar a população total de imigrantes internacionais residentes no Brasil – na medida em que contempla apenas as pessoas registradas, nos anos selecionados – essas fontes de informação [os registros administrativos da Polícia Federal brasileira] permitem a construção de tendências atualizadas” sobre o contexto migratório do Brasil (OBMigra, 2020).

bolivianos temos uma predominância dos pacenhos, ou seja, do Departamento de La Paz, seguidos pelos de Cochabamba, Oruro (...)” (2008, 22). Por sua vez, Xavier constrói a hipótese de que grande parte dos imigrantes bolivianos residentes na Região Metropolitana de São Paulo desde a década de oitenta vêm principalmente de El Alto, a cidade mais populosa do Departamento de La Paz e com maior proporção de população indígena da Bolívia (INE 2012), lugar “que mescla uma identidade aimara e migrante constantemente e mutuamente reforçadas” (Xavier 2010, 26). Interseccionando seu levantamento estatístico, etnográfico e historiográfico e as evidências dessa cidade como território preponderantemente receptor de migrantes internos na Bolívia, como aquele que mais acumula remessas internacionais e o mais vezes referido nas trajetórias dos bolivianos e bolivianas imigrantes em São Paulo entrevistados (tanto pela autora como também no decorrer da investigação doutoral parcialmente sintetizada neste texto), Xavier assinala a “importância da cultura aimara no entendimento da migração para o Brasil, dada sua preponderância na população de El Alto” (2012, 119). Portanto, embora não contemos ainda com a intersecção entre dados étnico-raciais e as estatísticas sobre as populações imigrantes em São Paulo e no Brasil, partimos da força dessas hipóteses e dos dados recolhidos na etnografia em curso e lançamos a possibilidade de que grande parte da população migrante boliviana em São Paulo se autodeclararia como indígena<sup>5</sup>, mais especificamente como *aymaras* e *quéchuas*.

Interessa também anotar que a tendência à nacionalização forçosa das populações indígenas imigrantes internacionais, obrigatoriamente tomadas como apenas pessoas nacionais de algum Estado republicano, e, por isso, inevitavelmente implicadas ao seu aparato político-estrutural e invisibilizadas desde suas especificidades étnico-culturais, não é algo exclusivo da percepção estatística e política brasileira ou paulistana.

---

<sup>5</sup> Existe um grande debate teórico-anropológico e político sobre os termos “indígena”, “originário”, “autóctone” na Bolívia e fora dela que pela brevidade do texto presente não conseguiremos abarcar. Ainda assim, vale referir que a Constituição do Estado Plurinacional da Bolívia, que vem fundar um novo discurso público sobre o tema nas últimas duas décadas (fortemente desestabilizado neste último ano, desde o golpe de Estado, retomado e potencializado pelos discursos e ações de resistência política interna e emigrante e pela campanha do *Movimiento al Socialismo* - MAS às eleições de 18 de outubro de 2020), considera “*nación y pueblo indígena originario campesino toda la colectividad humana que comparte identidad cultural, idioma, tradición histórica, instituciones, territorialidad y cosmovisión, cuya existencia es anterior a la invasión colonial española*” (Art.30, *Constitución Política de Estado*, Bolívia, 2009). Para além do texto constitucional e sua expansão pelas políticas públicas, interferem várias outras frentes sociais na invenção e estabilização destes termos, entre elas também a produção de sentido e reconhecimento emigrantes, principalmente desde Buenos Aires, Santiago do Chile e São Paulo, as maiores cidades bolivianas fora da Bolívia.

Referindo-se à construção social do sujeito migrante indígena na América Latina, Sérgio Caggiano e Alicia Torres alertam sobre a

*“tendencia a la “nacionalización” de las poblaciones involucradas en los flujos migratorios: es decir, la preferencia a identificarlas por el país de donde provienen, eliminando las diferencias regionales, étnicas, de clase, etc. en su interior (...) Una homogeneización que pone en evidencia, por un lado, el “nacionalismo metodológico” – definido como la concepción en las ciencias sociales que asume que la nación/Estado/sociedad es la forma social y política natural del mundo moderno (Wimmer y Glick Schiller 2002, 302), y, por otra, la invisibilidad de la diversidad en la composición étnica de esas poblaciones migrantes, explicada ya sea por razones asimilacionistas o directamente racistas” (2011, 178)*

Assim, negando os territórios e deslocamentos populacionais indígenas como espacialidades e fluxos anteriores a fronteirização dos Estados Republicanos atuais, rejeitando a possibilidade de soberania indígena sobre seus territórios implicitamente transfronteiriços, os países da região dão continuidade *“a una historia de invisibilización estatal de lo indígena en el país (...) sin distinguir grupos o pueblos indígenas dentro de “bolivianos”, “paraguayos”, “peruanos”, etc.”* (Caggiano 2014, 4). Deste modo, os Estados se coíbem de legitimar essas presenças populacionais, negligenciando a estruturação de políticas públicas e a comunicação de discursos que considerem essas diversidades étnicas e suas especificidades.

No entanto, embora dificulte a compreensão demográfica desse setor populacional e suas tendências sociais, e tolha a sua consideração pública, essa negação, rejeição e negligência dos Estados sobre pessoas indígenas imigrantes não omitem suas existências, presenças e atuações. Conseguiremos percebê-las não através de dados quantitativos, nem do viés estatístico, mas sim por meio de dados qualitativos possibilitados por anos de convívio partilhado e pelos métodos etnográficos ativados pela investigação em curso. Por outro lado, para além da aproximação e consideração metodológica, a compreensão de centenas de pessoas como *aymaras* e *quechuas* na cidade de São Paulo é viabilizada principalmente pelas suas expressividades linguísticas nas ruas do Brás e do Canindé, entre outros bairros, e de forma mais evidente pela sua performance pública em festividades e marchas das comunidades imigrantes centro-andinas (não apenas boliviana, mas também peruana), por exemplo, na Avenida Paulista e na Praça da Kantuta. Trajados com as texturas e cores de suas povoações de origem e/ou de referência, essas pessoas manifestam sua autodeclaração *aymara* e *quechua* através de suas músicas e danças, de seus trajes e, mais pontualmente, por meio de seus discursos de apresentação. Todas vias

identitárias muitas vezes articuladas com outros imaginários tangenciais ou coincidentes, como diria também Caggiano sobre as dinâmicas identitárias *aymaras* em Buenos Aires:

*“no hay un único y claro camino para la identificación indígena y la etnización, y las dinámicas sociales desarrolladas son diversas y cambiantes. En ocasiones se apela a la “pureza”, pero es común también que lo aymara se articule con lo andino, con la identidad nacional boliviana o con otras pertenencias indígenas dentro de una identidad originaria no nacional. El proceso es ciertamente intrincado porque son diversos los actores que participan de la experiencia y la definición de lo “indígena” u “originario”, lo “andino” o “aymara””(2014, 6)*

De qualquer forma, o autor concorda que *“el uso del idioma aymara o la ejecución de algunos instrumentos y ritmos de música tradicional andina operan como indicadores de una renovación de la pertenencia étnica”* (Caggiano 2014, 4) em situação migratória em Buenos Aires, como também em São Paulo (ainda que correspondendo a um contexto bastante mais diminuto do que o da capital argentina).



Fotograma 3 Conjunto Autóctono Jach'a Sikuri de Italaque – Nuevo Amanecer, Memorial da América Latina (Cristina de Branco, fotograma digital, São Paulo, 2015)

### **Paisagens:**

Essa presença feita em corpo, voz e movimento pelas ruas e praças da cidade vão constituindo paisagens altiplânicas, *alteñas*<sup>6</sup>, *aymaras* e *quechuas* em plena São Paulo (Cymbalista e Xavier 2007, Xavier 2010, idem 2012). Também por meio do comércio transnacional correspondente às festividades, ritualidades e cotidianidades dessas pessoas vamos anotando dispositivos identitários simbólicos indígenas altiplânicos, como a venda de *polleras* – saias plissadas, de tecido pesado e vários folhos, variantes conforme a região de referência, comumente associadas às *cholas* ou *cholitas*, mulheres indígenas ou mestiças indígenas, sobretudo *aymaras* e *quechuas* altiplânicas – e de *aguayos* – tecidos

---

<sup>6</sup> Referente a cidade de El Alto (Departamento de La Paz, Bolívia).

de formato quadrado ou retangular, representando vários planos de cores e algumas figuras, hoje em dia mais encontrado manufaturado industrialmente, mas segue relacionado com a tecelagem indígena altiplânica, pelas suas tecedoras e pelos seus usos cotidianos e rituais comuns às sociedades *aymaras* e *quechuas*. Quem caminha pela Rua Coimbra num domingo ou em qualquer dia festivo, vai encontrando também *hojas de coca* – elemento fundamental das cosmogonias *aymara* e *quechua* – e *palo santo* – indispensável as ritualidades altiplânicas. Quem passa uma tarde de domingo pela Feira Kantuta, pode experimentar um copo de *chicha* – bebida fermentada de milho, relacionada ao consumo alcoólico anterior à colonização espanhola – ou um refresco de *mocochinchi* - consumido em toda a Bolívia e Peru, feito de água, caramelo e pêssego seco conforme práticas de conservação indígena de alimentos do Altiplano andino. Cores, texturas, cheiros, sabores que vão constituindo essa localidade altiplânica (Appadurai 1996) de referências republicanas e indígenas, bolivianas, peruanas e simultaneamente *aymaras* e *quechuas*. Assim, estas sinestésias altiplânicas de São Paulo dão conta não apenas da presença indígena, mas também da diversidade e dos sincretismos culturais bolivianos e andinos que se afirmam a cada festejo dessas comunidades pelas praças e ruas da cidade.

Através da articulação entre conjuntos autóctones e folclóricos, fraternidades e associações culturais, pessoas imigrantes bolivianas vão se fazendo ver e ouvir. Como descreve Sidney Silva:

“os *tinkus*, as *kullawadas*, as *llameradas* e *tobas*, por exemplo, eles aparecem com toda a sua diversidade de formas e cores. Nessas danças, a diversidade etnicocultural andina é remarcada, como no caso dos *tinkus* (do quéchua, quer dizer encontro), da região norte de Potosi, da *llamerada* e da *kullawada*, danças camponesas de origem aimará que relembram a atividade pastoril, e dos *tobas* (do guarani, significa rosto), da região do Gran Chaco (Bolívia, Paraguai e Argentina). (...) Aliás, o que se observa nas últimas edições das festas devocionais é um aumento de grupos que apresentam ritmos e danças com temáticas indígenas e camponesas, mostrando que a Bolívia que é recriada e apresentada aos paulistanos é um país marcado pela sua diversidade etnicocultural e social (...) a conquista de novos espaços na metrópole para a manifestação de suas práticas culturais, revela que eles querem ser vistos e reconhecidos, em primeiro lugar, como cidadãos paulistanos, já que é o lugar onde vivem e trabalham, mas também enquanto andinos, quéchuas, aimarás, guaranis, ou simplesmente como bolivianos(as).” (Silva 2012, 29-30)

Em geral, grande parte das coletividades folclóricas e dos conjuntos autóctones se apresentam publicamente em datas comemorativas bolivianas, como nas *Alasitas* (24 de

janeiro), no Carnaval (entre finais de fevereiro e meados de março), no Dia de La Paz (16 de julho), no Dia da Bolívia (6 de agosto), entre outras. Normalmente, performam em grandes espaços públicos, como o Parque Dom Pedro II, o Memorial da América Latina, a Avenida Paulista e em outros locais como a Rua Coimbra, no Brás, a Praça da Kantuta, no Pari, e o Largo do Rosário, na Penha. Todos estes espaços transformados em paisagens altiplânicas paulistanas, em territórios *aymaras*, *quechuas* e bolivianos de São Paulo.

Entre estes coletivos de *diabladas*, *tinkus*, *salays*, *sayas*, e outros tipos de grupos de música e dança populares bolivianos, quase todos contam com alguma referência indígena andina. Por mais que existam pessoas *aymaras* e *quechuas* integrantes desses coletivos que performam músicas e danças não estritamente identificadas como indígenas, é na performance dos conjuntos autóctones<sup>7</sup> que ouvimos e vemos essa presença afirmativamente originária altiplânica.



Fotograma 4 Conjunto Autóctono Jach'a Sikuri de Italaque – Nuevo Amanecer, Memorial da América Latina (Cristina de Branco, fotograma digital, São Paulo, 2015)

### **Atuações:**

Entre diferentes contextos nos quais poderíamos encontrar pessoas indígenas altiplânicas atuando na cidade de São Paulo, é no âmbito recreativo e performático que

---

<sup>7</sup> A palavra “autóctone” também merece largo debate teórico, no entanto, pela brevidade da comunicação apresentada, mencionaremos apenas que é um termo utilizado pelos próprios grupos e pelos seus integrantes para apresentar seus conjuntos e suas expressões performáticas, servindo para adjetivar algo intrínseco a um território específico e a uma temporalidade anterior à colonização espanhola. Referindo-se a expressões de povoados altiplânicos, entre a Bolívia e o Peru, vários dos integrantes dos conjuntos mencionados defendem que os instrumentos, trajes, músicas e danças tocadas são herdadas de geração em geração, de família em família, resistindo a séculos de colonização espanhola e de subordinação republicana. Somam-se, assim, características temporais e espaciais vertebrais à valorização e legitimação dessas expressividades como “autóctones”.

os encontramos afirmando-se expressiva e discursivamente como *aymaras* e *quechuas*. Durante épocas específicas do ano, em alguns casos, ou durante quase todo o ano, em outros, algumas centenas de pessoas encontram-se semanalmente na Praça da Kantuta e em outros espaços públicos para ensaiarem músicas e danças autóctones do Altiplano boliviano e peruano. Divididos em mais de dez grupos atualmente ativos na cidade de São Paulo, podemos encontrar vários grupos formados majoritariamente por pessoas *aymaras* bolivianas, como o *Conjunto Autóctono Jach'a Sikuri de Italaque – Nuevo Amanecer*, o *Grupo Autóctono Huaycheños del Corazón*, o *Centro Cultural Kollasuyo Maya*, a *Comunidad Autóctona Vientos del Ande*, o *Bloque Moseñada Hijos de Luribay*, o *Conjunto Moseñada Hijos de Murumamani 100x100 Brasil Bolívia*, a *Juventud Moseñada 5ª Sección Araca*, a *Juventud Chicheña*, a *Comunidad Autóctona Coquero* e o *Conjunto Autóctono Waly Wayras*. Outros deles são formados por pessoas *aymaras* do sudeste peruano, como o *Conjunto de Música y Danza Autóctonas Qhantati Ururi de Conima – Filial Brasil* e o *Grupo de Arte 14 de Septiembre*. Ou seja, em geral, estes conjuntos são integrados por uma maioria de *aymaras*, imigrantes vindos do eixo territorial entre os Lagos de Poopo e Titicaca, isto é, dos Departamentos altiplânicos da Bolívia, como Oruro, Potosí, La Paz, e em menor proporção, *aymaras* de Puno, departamento altiplânico do Peru. Entre eles também estão, em menor quantidade, famílias e pessoas *quechuas* dessas mesmas regiões e ainda do Departamento de Cochabamba, Bolívia<sup>8</sup>.

Alguns atuantes desde a década de noventa, outros com poucos anos de fundação, estes grupos costumam organizar-se em famílias, entre pais, mães, filhos e filhas, tios e tias, sobrinhos e sobrinhas, dos mais novos aos mais idosos, afirmando a cada ensaio sua composição predominantemente familiar e transgeracional. Também partilham outras características comuns como: a realização de rituais de oferenda a *Pachamama*<sup>9</sup> antes de cada apresentação; a explícita divisão de gênero entre homens tocadores e mulheres bailarinas; e a dedicação a música e dança com referências territoriais bastante específicas, como o *Conjunto Autóctono Jach'a Sikuri de Italaque – Nuevo Amanecer*, dedicados

---

<sup>8</sup> Importa ainda mencionar que existem outros grupos de música autóctone andina formados por pessoas indígenas e não indígenas, como também nesses mesmos grupos de maioria *aymara* e minoria *quechua*, são incorporados alguns integrantes brasileiros, normalmente, filhos, filhas, esposas e namoradas de tocadores *aymaras* bolivianos.

<sup>9</sup> *Pachamama* é uma das entidades centrais das cosmogonias *aymara* e *quechua*, correspondendo ao terrenal e fértil, a um todo ao qual se deve sempre agradecer através da oferenda de alimentos e bebidas, da música e da dança comunitárias.

exclusivamente ao repertório performático autóctone do povoado de Itlaque, no Altiplano *paceño*, e o *Conjunto de Música y Danza Autóctonas Qhantati Ururi de Conima – Filial Brasil* que interpretam as práticas musicais e coreográficas recolhidas na região de Conima (Departamento de Puno, Peru).

Performando diferentes estilos musicais, estes conjuntos interpretam diversos instrumentos de vento, como o *siku*, a *tarka*, o *pinquillo*, o *moseño*, a *quena*, a *zampoña*, conforme repertórios territorial e sazonalmente referenciados. Com a exceção do *Kollasuyo Maya* – que performam diferentes repertórios de distintas zonas do *Kollasuyo* independentemente dos momentos do ano – quase todos os outros conjuntos tendem a corresponder a sazonalidade de cada estilo de música e dança. Isto é, a maioria dos grupos encontram-se para preparar suas atuações no âmbito do calendário de festejos comunitários altiplânicos, de influência *aymara* e *quechua*, respeitando a sazonalidade de cada estilo musical. Por exemplo, enquanto os grupos dedicados ao *moseño* e a *tarka* tocam, respectivamente, *moseñada* e *tarkeada*, em tempos de carnavais, entre fevereiro e março, aqueles que tocam *sikus* se preparam para a Festa do *Inti Raymi*<sup>10</sup>, em junho, e do Dia da Bolívia, em agosto. Por fim, também excetuando o *Kollasuyo Maya* – que circula por diferentes espaços culturais e políticos para lá do circuito comunitário boliviano e peruano – quase todos os outros grupos atuam nas paisagens altiplânicas paulistanas já estabilizadas, como a Praça Kantuta e a Rua Coimbra, e em outros espaços fechados, privados e familiares bolivianos.

Para além destas similaridades, em São Paulo, é importante assinalar que esses grupos se diferenciam determinantemente pelas suas referências territoriais, pelo seu repertório performático, pelos seus instrumentos e trajes. Alguns deles, interpretam exclusivamente *moseñadas* do sudeste do Departamento de La Paz, Bolívia. Outros ensaiam e performam diferentes repertórios locais altiplânicos, entre *sikuriadas* e *qhantus*. Ainda assim, alguns integrantes circulam entre diferentes grupos conforme um ou outro conjunto está ativo em correspondência a sazonalidade do instrumento e estilo musical, ou precisa de apoio de mais tocadores ou mais bailarinas para alguma atuação especial. Essas dinâmicas individuais se refletem em articulações mais amplas: tanto entre vários destes grupos organizados e representados pelo Centro Cultural Andino Amazónico;

---

<sup>10</sup> O *Inti Raymi* é uma festividade *quechua* e *aymara* em celebração ao *Inti* (entidade sagrada correspondente ao Sol) realizada durante o solstício de inverno, na madrugada de 21 para 22 de junho de cada ano.

quanto para além deles, por exemplo, junto a coletivos folclóricos bolivianos, como a Associação Cultural Folclórica Bolívia Brasil (ACFBB). Ainda que marcados por diferenças territoriais e estilísticas, os conjuntos autóctones ora se unem em sua conformação étnica e performática formando representatividade própria diante da comunidade boliviana e da sociedade paulistana, ora integram grandes organizações associativas bolivianas e se apresentam nas datas festivas da Bolívia. Ou seja, ora se articulam internamente fortalecendo sua autoctonia como imigrantes *aymaras* e *quechuas*, representantes de suas músicas e danças autóctones, portando a *Whipala*, bandeira da união indígena andina, ora se juntam a entidades que constroem sentidos performáticos públicos (e autorizados) da bolivianidade imigrante em São Paulo, levando a bandeira republicana adiante.



Fotograma 5 Conjunto Autóctono Jach'a Sikuri de Italaque – Nuevo Amanecer, Memorial da América Latina (Cristina de Branco, fotograma digital, São Paulo, 2015)

### **Conclusão:**

Através da expressão de diferentes repertórios musicais e performáticos autóctones altiplânicos, as pessoas *aymaras* e *quechuas* integrantes destes conjuntos autóctones criam e recriam sentidos públicos da sua presença indígena, boliviana e peruana na cidade de São Paulo. Por um lado, contrariando a invisibilidade estatística e política imposta e, por outro, assumindo sua agencialidade expressiva e identitária, esses tocadores e essas bailarinas localizam o Altiplano andino em São Paulo, possibilitando sua subjetividade sincrética como pessoas simultaneamente indígenas e imigrantes, aymaras ou quéchuas e bolivianas ou peruanas. Assim, expandem as indigeneidades imigrantes e paulistanas, reafirmando, uma vez mais, a cidade como território indígena e migrante.

## **Bibliografia:**

Caggiano, S., 2014, “Riesgos del devenir indígena en la migración desde Bolivia a Buenos Aires: identidad, etnicidad y desigualdade”, In *Amérique Latine Histoire et Mémoire, Les Cahiers ALHIM* [Online], Retrieved from <http://alhim.revues.org/4957>

Caggiano, S. & Torres, A. 2011. “Negociando categorías, temas y problemas. Investigadores y organismos internacionales en el estudio de la migración indígena” In Feldman-Bianco, Bela, Rivera Sánchez, Liliana, Stefoni, Carolina & Villa, Marta Inés (comp.), *La construcción social del sujeto migrante en América Latina: Prácticas, representaciones y categorías*. 175-205. Quito: Flacso.

Cymbalista, Renato & Xavier, Iara Rolnik. 2007. A comunidade boliviana em São Paulo: definindo padrões de territorialidade, *Cadernos da metrópole* (17), São Paulo, EDUC, pp. 119-133.

Instituto Nacional de Estadística. 2012. Censo Nacional de Población y Vivienda, Estado Plurinacional da Bolívia.

Monteiro, John Manuel. 1994. *Negros da Terra: Índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. Companhia das Letras: São Paulo.

Silva, Sidney Antônio. 2008. “Fases da latinidade: hispano-americanos em São Paulo” In *Textos Nepo* n. 55, Fev.

Silva, Sidney Antônio. 2012. “Bolivianos em São Paulo. Dinâmica cultural e aspectos identitários”, Baeninger, Rosana (coord.), *Imigração boliviana no Brasil*, Campinas, Núcleo de Estudos de População (NEPO), 19-34.

Souchaud, Sylvain. 2010. A imigração boliviana em São Paulo. In Ademir Pacelli Ferreira, Carlos Vainer, Helion Póvoa Neto, Miriam de Oliveira Santos. *Deslocamentos e reconstruções da experiência migrante*, Garamond, 267-290.

Observatório das Migrações em São Paulo, NEPO-UNICAMP, 2020: <https://www.nepo.unicamp.br/observatorio/bancointerativo/numeros-imigracao-internacional/sinre-sismigra/>

Xavier, Iara Rolnik. 2010. Projeto migratório e espaço: os migrantes bolivianos na Região Metropolitana de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Demografia) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas,

Campinas - SP.

\_\_\_\_\_. 2012. “A inserção socioterritorial dos migrantes bolivianos. Uma leitura a partir da relação entre projetos migratórios, determinantes estruturais e os espaços da cidade”, Baeninger, Rosana (coord.), *Imigração boliviana no Brasil*, Campinas, Núcleo de Estudos de População (NEPO), 109-154.